

ORREPUBLICANO

PROPRIEDADE

— DO —

EDITOR E ADMINISTRADOR,
António de J. Teixeira
Comp. e Imp. Tip. Minerva Vimaranesse

Centro Democrático Vimaranesse

REDACTOR PRINCIPAL,
Eduardo d'Almeida
Red. e adm. Rua de Gil Vicente

... TRANCAS Á PORTA.

Ao saber-se pela cidade, na tarde de segunda-feira, que o nosso porto do Funchal tinha sido bombardeado num audacioso lance—ha quanto tempo esperado? ó amados filhos de Minerva!—da guerra pelos submarinos, muitos vimos arrepiarem-se, encolhidos, como aquêles discutidores impenitentes, a quem uma sonora bofetada, de repente, acorda para a realidade, açaimando-lhes por fim a verborreia ejaculante.

Parece que, só então!, houve portuguezissimo intellecto valente que palpou, lombo de cavalgadura arroxado á chicotada, que a Alemanha nos declarara guerra, e que nem o brio militar, a matemática precisão de ferocidade enérgica daquê le império se compadece com a comédia duma guerra a fingir, nem, felizmente!, o tradicional, reconhecido valor do nosso nome se presta a bonequices tais. A guerra iria quasi á boa paz, tempestade num copo de agua, agitando-se apenas nas alcôvas das chancelarias.

Em esgares aparvoaçados, a certos vieram sintomas fatais de engasgamento venenoso ao remexerem na bôca a lingua saburrosa que traziam té li pendente, manteiga em focinho de cão, a proparlar que a Alemanha só via, encrespada, a Republica, e que a Pátria, por êles deliquêscida num sono de cobardia, havia de escapar sáfa e limpa da sangueira.

E foi como uma marretada sêca...

Logo depois, no Parlamento, o Presidente do Ministério, confirmando um boato oficialmente desmentido, leu a noticia dum revez das nossas tropas em Africa, onde já o heroísmo do soldado portuguez, mais numa prova erguido á Pátria em sacrificio, se

firmou de disciplinada valentia e sagrado...

Poucas horas mais tarde, voltava a afirmar-se que os submarinos alemães tentavam prosseguir a traiçoeira campanha de morte e de assombante intimidação.

Como nunca alquilamos o nosso pensamento a quaisquer conveniências, marcadamente aquêlas que se ligam com questões de dignidade cívica, não nos sofre o animo que, desairosamente, ocultemos o nosso espanto, pelo menos, da forma leviana como, dentre o afan indiscutivelmente ousado da nossa sufficiente preparação militar, se deixaram escapar, descuidados, pontose problemas estratégicos, e evidentes necessidades de defesa nacional, que aos mais leigos se antolhavam como indispensáveis.

A guerra, bem o sabemos (e embora, nos ultimos anos, se sentisse a previsão de graves acontecimentos internacionais que nos arrastariam) apanhou-nos de assalto, entorpecido viandante sololizando pela estrada. Os estadistas republicanos, a quem coube a ingrata responsabilidade de governar, evolucionistas e democráticos, tem honrado o seu mandato, e tem-no honrado compreendendo que a questão é de vida ou de morte, e preparando-nos, com actividade e com tino, para o cumprimento glorioso dos nossos deveres.

Pois por isso mesmo o nosso espanto se justifica. Todas as hesitações e demoras, alem do perigo material que já nos deram significativamente, enfraquecem a intrepidês moral—com que fatalmente, necessariamente precisamos de contar—. Desfraldamos a bandeira da Pátria no fragor da peleja—vamos a dignificá-la sem olhar a sacrificios—.



O velhinho

Aquella que ali vai triste e caugado
E mais tremendo que os juncos do braço.
Foi outrora o mais belo e o mais amado
Entre os moços do antigo logarejo.

Nas fitas d'esse lábio desmaiado
Quantas mulheres trémulas de pejo
Não arvoraram os néctares do beijo
Das trigais sobre o leito perfumado!

Hoje é velhinho, e fêz dos franchêes
Aos rapazes da escola, e ás raparigas
Que não cançam de ouvi-lo... An mais das vezes

Sobre a ponte, zózinho, ouve as cantigas
Das que lavam no rio, e o olhar estende
Ao sol que ao longe na agonia esplande...

GONÇALVES CRESPO.



Esclarecimento porventura inutil...

No último número do nosso colega *os Ecos de Guimarães*, a propósito duma questão que tem sido debatida entre aquê le semanário e alguns académicos vimaraneses, diz o articulista que d'êstes apenas conhece uns quatro ou cinco matriculados no Internato Municipal. Ora, como o mesmo articulista acusa os académicos do liceu de certos desacatos, pode a alguém afigurar-se que eram seus autôres precisamente aquêles quatro ou cinco alunos do Internato. Crêmos bem que tal não é a intenção do articulista: apraz-nos, todavia, afirmar muito positivamente e terminantemente—que os alunos do Internato Municipal não tomaram parte nos desacatos a que *os Ecos* se referiam, nem eram capazes de semelhantes proêsas—.

O garôto, no meio da praça, arrepe-la-se de raiva. Assobia, apedreja, insulta—mas o transeunte vai seguindo, indiferente, o seu caminho, sem mesmo dar pelo garôto. E êle morde-se, numa ira apoplética. Não se importava que lhe esticassem as orelhas, que lhe arrancassem os fundilhos aos pontapês, que o cuspissem até como escarro num atoleiro de lama. O que lhe dana a inchada cólera é que o transeunte siga, indiferente, o seu caminho, sem ouvir um só dos seus insultos e o zunido das lapas que o garôto arremessa, cego, escumando, pelo ar...

De Jules Lemaitre:

A tolerância é mais difícil que o heroísmo.
E' a caridade da inteligência.

Paços do Concelho

Concurso para o projecto e orçamento de um edificio para a instalação da Câmara Municipal e outras Repartições públicas da cidade de Guimarães

Acta da sessão do júri encarregado de examinar e classificar os projectos apresentados ao concurso do projecto da Câmara Municipal e das outras Repartições Públicas, a erigir na Praça de S. Tiago.

Aos 23, 24 e 25 dias do mês de Novembro de 1916, nesta cidade de Guimarães e na Sala das Sessões dos Paços do Concelho, em presença dos projectos e sob a presidência do excellentissimo Presidente da Comissão Executiva senhor Mariano da Rocha Felgueiras, se reuniram todos os abaixo assinados vogais do júri, senhores Abel de Vasconcelos Cardozo por esta Câmara, Leonel Gaia pela Sociedade dos Architectos Portuguezes, José Alexandre Soares pelo Conselho de Arte e Arqueologia (primeira circunscrição) e António Peres Dias Guimarães pelo Conselho de Arte e Arqueologia (terceira circunscrição) afim de prestarem o seu parecer acerca dos trabalhos apresentados ao concurso, expostos na sala acima mencionada e designados pelas seguintes divisas: Via Maris, Progresso, Ite et Vincet, Némo, Lusitania, Esta é a ditosa patria minha amada, Aradua, Ourique, Folha de hera, Flôr de Liz e Citania. O senhor presidente, ao declarar aberta a sessão, fez sentir a importância do concurso em que tantos e tão valiosos projectos honravam não só o paiz mas ainda os artistas Architectos Portuguezes que, assim, quiseram corresponder á honrosa confiança que a Câmara Municipal de Guimarães nêles depositára. Procedendo-se na primeira sessão e seguintes ao estudo, exame e votação de todos os documentos relativos aos projectos apresentados, assentou-se conforme determina o respectivo programa do concurso (condição 15.ª) que esta se fizesse: primeiro em merito absoluto, segundo em merito relativo, com o fim de lhe serem atribuidas as recompensas consignadas na condição 12.ª. O júri ao iniciar os trabalhos, verificou que, nem todos os concorrentes tiveram em conta o desnivel do terreno que lhes foi designado, se bem que esse desnivel seja insignificante; apurando-se que o facto resultou de não estarem cotadas todas as plantas que haviam sido distribuidas pela Secretaria desta Câmara. Proseguindo no exame, verificou mais que os onze projectos apresentados ao concurso, sem dúvida no legitimo desejo de melhor realizarem a sua obra, não satisfaziam a condição 8.ª que diz: *A quantia des-*

tinada para a construção d'êste edificio é calculada no máximo de 60:000\$00 escudos aproximadamente, porque todos excediam sensivelmente aquêla verba, caso tivessem de executar o seu projecto no actual momento historico, em que os preços dos materiais, e até os de mão de obra, têm aumentado em média, em todos os nossos mercados, á razão de 50 % a 100 %, isto em virtude da conflagração europeia a que estamos assistindo, e que, de entre todas as suas terríveis consequências, está prejudicando gravemente a situação económica de todos os ramos da actividade humana, mesmo entre aquêles países que, menos directamente, se acham envolvidos no estupendo conflito. Ora nesta conformidade e em face de uma circunstância tam gravemente anormal só á excellentissima Câmara cumpre pronunciar-se sobre se a condição 8.ª deve ser integralmente respeitada. Na hipótese favorável que o júri quer admitir, e, porque de contrario qualquer outra attitude corresponderia a uma anulação do concurso, que, por tantos títulos, foi interessante: procedeu o júri á classificação dos projectos e votação dos prémios apenas pelo seu valor artistico os quais fielmente respondiam a todas as outras condições exigidas.

Concluiremos no próximo número, no qual publicaremos a fotogravura do projecto aprovado.

Senhor Director—É velho costume surgirem reclamações, após o julgamento de qualquer concurso, porque, como há contentes, há sempre descontentes. Não foge á regra o concurso para o edificio da Câmara de Guimarães, mas, desta vez, trata-se de um caso absolutamente novo na historia dos concursos. O júri considerou todos os trabalhos fora do concurso, por excesso de verba, no que talvez tivesse razão, mas não obstante fez a classificação, no que procedeu ilegalmente, pois, excluido um trabalho do concurso, esse trabalho, consequentemente, não pode ser classificado, sob qualquer pretexto ou condição. Tenho pelo júri do concurso do edificio da Câmara de Guimarães, a maior consideração, especialmente pelos delegados de Lisboa, um dos quais, meu colega no Conselho Director da Sociedade dos Architectos, e, por esse facto, sempre acataria o critério artistico de uma classificação feita legalmente, ainda que essa classificação me fosse desfavorável, tanto mais que julgar obras de arte é função muito abstracta, e pessoas da melhor boa fé podem enganar-se. Não é êste, porém, o caso de agora.

O júri exorbitou das suas funções. Julgou os trabalhos fora do concurso e classificou.

Acatar êsse procedimento seria um desrespeito á lei, e ficaria em vigor um precedente perigosissimo para os concursos futuros.

Eu e o meu colega José Coelho, auctores de um dos projectos apresentados vamos reclamar, devendo o caso ser apreciado em assemblêa geral da Sociedade dos Architectos.

Pela publicação destas linhas no seu belo jornal se confessa grato o de

V. etc.,

Miguel Nogueira
arquitecto.

Sem mascara

(notas dum advogado de provincia)

II

A herança misteriosa

«...E pela força da minha terna, de que livremente posso dispor, deixo ao meu particular amigo... a minha propriedade de... a cujo producto, logo que a possa vender, dará o destino que lhe confiei, e de que não tem que prestar contas, nem fazer qualquer declaração...»

Tôdas as manhãs, muito cedo, ainda noite cerrada, acendia a vela, saltava fora do quente da cama, dizia à mulher que não podia dormir mais, lavava-se, vestia-se, com vagar e delicia, cantando baixinho, embrulhava-se no capote antigo, descia o chapéu para os olhos

—Vou ver nascer o sol... e saía, tornando a fechar a porta á chave, a assobiar, muito risonho.

A iluminação, ainda a petróleo, esmorecia, pálpebras que se fecham de fadiga. O ar mais fresco e mais leve. As esquinas, tão agressivas ao sol, coçadas da farrapagem, tinham ainda uma discreta familiaridade e respirava-se, na quietação das ruas, aquela desinteressada e comovida simpatia que nos toca ao atravessarmos um cemitério. Recolham das batotas figuras angulosas e cansadas, e por vezes, topava com um boêmio zigzagante e pálido, mordido pelo alcool e pelo sonho, na tórva abstracção dum outro mundo.

Como os minutos passavam, o relógio sempre na mão, apressava o passo, o coração batia-lhe, já o desejo o enlaçava. Ia entrando, com cautela, no travesso, espionando a treva... e, agasalhado no silencio, abria, enérgico, o sangue a pular como moços em romaria, a porta duma casinha estreita e terrea. Minutos depois, nozes de dedos nervosos batiam, leve, nos vidros. Colocava o ouvido á porta sempre fechada do janêlo e, numa voz doce e abafada, perguntava—E's tu, Margarida...—Sou, meu amor!—Abraçavam-se logo á porta do quarto e era para êle um mimalhoso prazer cada vez mais intoxicante, sentir nas suas mãos o arfar dos seios da amante, pontegudos e quentes, apenas resguardados pela chita da blusa, por baixo do chales.

Um galo rompia a noite cocoricando... Soavam forte no passeio uns tamancos ferrados, de lavrador por certo. O sino tocava á primeira missa. Eram, depois, os passinhos meudos das leiteiras... O seu deliquio era intenso, perturbado, a ultima seiva da vida queimada na fogueira ateadada do amor. Dobrava o cabo tormentoso dos cincoenta, a morte vinha proxima, como a luz do dia que apenas se advinhava no adelgaçar da sombra, mas que não tardaria a separa-los. Um segredo de dez anos! e tôdas as manhãs, ali, num quarto estreito, abafado, cheirando a rato morto, coberto de pó da madeira já roída pelo bicho, êle vivia com a operária, rapariga nova e forte, que lhe trouxera as ignoradas caricias da meiguice singela, o seu ultimo amor, a paixão do espirito e do sangue... o sangue derramado pelo sol na macia fluidez do poente. Sentado numa cadeira de pinho, muito chegado a ela, deliciava-o o contraste da pobreza regalada e enternecedora do humilde tugúrio, onde o desmaiava a flor da carne e do desejo, com as sêdas, que lhe pareciam amareladas, com a riqueza morta de brilho da sua casa, assim muito tempo, esquecido, silencioso, feliz. Mas um silvo de fábrica apunhalava o ar. Eram horas... Um beijo mais prêso e mais terno, já de saudade, ainda de esperança.—Vai, vai. Adeus.—Até amanhã. Ela saía, primeiro. Fumava ainda um cigarro, preguiçando-se, como no calor dum leito, depois dum bom sonho. Quando o caixeiro vinha abrir o armazem, já o encontrava, passeando, á espera.—Bons dias, patrão.—Bons dias, rapaz. Toca a trabalhar que são horas.

E nunca ninguem, em sua vida, teve a mais leve suspeita da oculta e deliciosa paixão daquêle homem, que foi tão rico de haveres como de consideração. O amigo, a quem, moribundo, confiou o segredo, não pôde, porem, cumprir a disposição testamentária porque, por mais que tenha procurado a humilde operária, por tôdos os meios em toda a parte, não conseguiu encontra-la, misteriosamente desaparecida tambem, como ao silvar da fábrica, pela manhã, quando lhe aparecia a luz do bem estar e da independencia...

A GUERRA

Os visionários do Terror

A guerra, rutura de toda a harmonia humana e terrestre, destruição de toda a unidade fisica e moral, a guerra, se ás vezes poupa a nossa vida corpórea, atinge outras em nós a energia e a beleza da alma.

Os estampidos, os furores, a tempestade crescendo com a raiva mortifera da artilharia, abalam o poder do pensamento e abatem o soldado sob a massa do terror.

E o peor não é que este lhe destrua o equilibrio de acção e de vontade e lhe perturbe a consciencia, não, porque o acabrunha com imagens terríveis, visões de assombro, cuja reviviscência doentia faz resaltar a crueldade e o horror.

Possa eu alhear-me bastante do perito para, em termos simples e concretos, á maneira realista, contar como vi tão singulares efeitos da guerra, a que o mais ligeiro adorno literário ensombria o valor dramático.

Cara macilenta, olhos espantados, êste, aninhado no leito, balouçava indefinidamente a cabeça e o busto. E da sua boca sai o mesmo grito, numa voz monotona e sombria «Boches! porcalhões de Boches! Boum! Boum!» A's últi-

mas palavras, ergue os braços, num gesto automático, para tapar os ouvidos, deixa-os cair e recomeça.

—«Brugnon!», digo-lhe eu.

Não ouve o próprio nome. Chamo com mais força. A mesma indiferença.

Bato violentamente á porta.

E, como se este barulho o lançasse de repente em novos transees, encolhe-se debaixo dos cobertores. Aproximo-me e descubro o seu rosto gelado de pavor. Reconforto-o, ou pelo menos julgo reconforta-lo com palavras doces e persuasivas, e depois recomendo que o deixem na solidão e no silencio. Afastando-me, ouço ainda o seu grito ritmado. Voltou á sua triste melopeia.

No dia seguinte, a scena é diferente. Nos raros intervalos lucidos de consciencia ouve as minhas perguntas e segue com os olhos o mexer da minha boca. Mas por momentos o balouçar-se e os gritos quebram o esforço intermitente da atenção.

Foi nesse bruxolear de lucidês que, influenciado pelo meu interrogatório familiar e amigo, apareceram, nos dias seguintes, algumas comoventes evocações, quando pôde desfiar as frases, pouco a pouco, menos penosamente.

—«Brugnon, Brugnon, que vês tu? onde estás? o que ha?»

—«Os Boches! os Boches! oh! oh!»

—«Mas, diz-me, o que vês?»

—«Oh! oh! os Boches cortarem o pescoço aos officiais! oh! oh!»

E repete—«cortarem o pescoço aos officiais»—, três vezes decrescendo e como vencido. Em seguida imita um estampido detonatório, lança a imprecação habitual e complica com um bater de dentes impressionante as oscilações lentas e regulares que lhe conhecemos.

Então com toda a insistencia, estímulo a actividade do seu espirito.

—«Diz-me, diz-me, a que tens medo?»

—«Oh! oh! Boches cortam o pescoço aos officiais...»

—«Sim, sim, e depois... (Desta vez, corta com um rapido golpe de lado da mão estendida o próprio pescoço).»

—«Depois, camarada, oh! oh! baoum, aqui já, no ventre, oh! oh!»

E dizendo isto, sufoca, descai no travesseiro, soluça alto e chora.

Sofre. Renasce.

Henri Aimé.

Vulgarização instrutiva

Remy de Gourmont

A dissociação das ideas

(11)

Esta identificação da mulher e da beleza vai hoje tão longe que se chegou inocentemente a propôr «a apotéose da mulher», isto é, a glorificação da beleza com todas as promessas stendhalianas contidas na palavra com sentido erotico. A beleza é uma mulher e a mulher é a beleza; os caricaturistas acentuam o sentimento geral agrupando sempre a uma mulher, que procuram fazer bela, um homem feio até á vulgaridade mais baixa, quando as mulheres formosas são tão raras na vida, quando para cima dos trinta anos a mulher é quasi sempre inferior em beleza plastica, idade por idade, ao seu marido ou amante. E' verdade que esta inferioridade não é mais facil de demonstrar que de sentir, e que o raciocínio se conserva inefficaz, finda a página, tanto para aquêle que leu como para o que a escreveu: o que é bom.

A idea de beleza nunca foi dissociada senão pelos estetas; o comum dos homens adota a definição de Stendhal. O que equivale a dizer que esta idea não existe e que foi absolutamente devorada pela idea de felicidade, e da felicidade sexual, da felicidade dada por uma mulher. E' por isso que o culto da beleza é suspeito aos moralistas que analisaram o valor de certas palavras abstractas. Traduzem-na pelo culto da luxúria e teriam razão se esta última palavra não contivesse uma injúria imbecil a uma das tendencias mais naturais ao homem. Aconteceu consequentemente que, opondo-se ás excessivas apotéoses da mulher, feriram os direitos da arte. Sendo a arte a expressão da beleza e não podendo a beleza ser compreendida senão sob as

espécies materiais da verdadeira idea que contem, a arte quasi se tornou exclusivamente feminista. A beleza é a mulher; a arte é tambem a mulher. Mas isto é menos absoluto. A idea de arte é mesmo bastante nítida para os artistas e para a elite; a idea de arte é bem marcada. Ha uma arte pura que vive unicamente para si mesma. Nenhuma definição deve dar-se; nem tal se puderia fazer senão unindo a idea de arte a ideas que lhe são estranhas e que tenderiam a obscurecê-la e a mancha-la.

Anteriormente a esta dissociação que é recente e cuja origem se conhece, a idea de arte estava ligada a diversas ideas que lhe são normalmente estranhas, a idea de moralidade, a idea de utilidade, a idea de ensino. A arte era a imagem edificante que se intercala nos catecismos de religião ou de filosofia, foi a concepção dos dois últimos séculos. Haviamos libertado desta coleira; queriam novamente prendê-la ao pescoço. A idea de arte foi de novo maculada pela idea de utilidade; a arte é chamada social pelos prégadores modernos. E' tambem chamada democrática, epitetos bem escolhidos se o foram em virtude da sua significação negativa da função principal.



Privilégio dos moradores da Freguezia de S. Tiago de Bougado

(dum velho livro manuscrito)

Privilégios do Reguengo da Maia

(Continuado dos números 30 e 33)

E dos encontros queremos, que sejam Juizes os almoxarifes, ou recebedores, se os houver nos

lugares onde os privilegios não forem guardados. E não os havendo ahi se-lo-hão os Juizes ordinarios destes lugares. E assim de huns como de outros virão sempre as appelações directamente ao Juiz de vossos feitos. E isto quando perante os ditos Juizes e almoxarifes os quiserem demandar. E querendo alguma pessoa destas privilegi (aqui falta uma folha ao livro que suprimos, transcrevendo o que nela devia estar escrito das —«Ordenações e Leis do Reino de Portugal—Recopiladas por mandado do muito alto catholico poderoso rei dom Philippe o pri.º—Com licença dos superiores-Impressas em Lisboa no mostrº de S. Vicente—Camara Real de s Magº da ordem dos Conegos regulares por Pedro Crasbeeck—Anno 1603—», livro preciosissimo e raro, que possuímos e que temos consultado nesta difficil reconstrução) adas (privilegiadas) que podem trazer seus Contendores á Corte per nova anção, citar alguma pessoa por lhe ir cõtra o dito privilegio, ou pelos encontros, o poderá citar perante os corregedores da Corte do civil, não sendo sobre cousa que toque a direitos reaes. E sendo sobre cousa de direitos reaes o citara perate o Juiz de nossos feitos. E tirado instrumentos de aggravo sobre cousas de jugadas, ou de direitos reaes, virão ao dito Juiz de nossos feitos. E sendo tirados sobre outras cousas, virão aos Desebargadores dos aggravos.

9 E queremos outro si, que possão andar em bestas muares, sem embargo de qualquer defesa que em contrario haja, e isto mesmo os que cõ elles viverem, ou cavalgarem, ou os mandarem nellas a alguns lugares.

10 Outro si mandamos, que emquanto os sobre ditos forem nossos officiaes, e os Desembargadores nas ditas nossas relações andarem, ou forem ver suas fazendas, ou a algum lugar por nosso serviço, ou mandado, não possam ser citados, demãdados, nem accusados, perante Juizes alguns por feito civil, nem crime salvo perante os corregedores da Corte.

11 Outro si, se algumas pessoas lhes forem obrigadas, em alguma parte de nossos regnos, em ouro, prata, dinheiro, ou outros bees moveis, ou de raiz, por razão de contractos, arrendamentos, aforamentos, pensões de herdades, alugueres de casas, heranças, ou outras cousas semelhantes, e os quiserem demandar, podeloão perãte os corregedores da Corte, aos quaes mãdamos, que oução as partes, e lhes fação justiça.

12 E em quãto andarem occupados em nossos serviços, se quiserem accusar algũa pessoa por algum crime de cousa que lhes toque, a qual haja de ser accusada fora da Corte, havemos por bem, que possam accusar per procurador,—(continúa o manuscrito) posto que por nossas ordenaçõens sejão obrigados apparecer pessoalmente. E mandamos que se os ditos nossos officiaes quiserem demandar algumas viúvas, ou outras pessoas, posto que sejão miseraveis, por dividas e cousas que perdão (é lapso—pretendão, dizem as Ordenaçõens) haver, as possam demandar perante os corregedores da Corte. E se as viúvas, ou outras quaesquer pessoas, quizerem demandar os ditos officiaes, não serão obrigados responder perante outros Juizes, nem justias, senão perante os ditos corregedores, por quanto o privilegio dos ditos nossos officiaes havemos por melhor que o das viúvas e de outras algumas pessoas. E mandamos que preceda a todos os outros, asi o dos estudantes, e moedeiros, como de outros quaesquer privilegiados, por serem a nós mais chegados, e terem mais trabalho em nosso serviço.

(Continúa).



Composição para tornar o couro impermeável:

- Toma-se:
- Cêbo 250 gr.
 - Banha de pôrco. 125 »
 - Cêra amarela. 65 »
 - Azeite 65 »
 - Essencia de terebentina. 65 »

Incorporam se estas matérias a fôgo brando. Para aplicar esta composição no calçado é preciso deixa-la fundir e estende-se depois com um pincel. O couro assim envernizado é impermeável á agua.

Para matar ratos

Coloca-se um prato com gêsso em pó muito fino, coberto com uma camada superficial de farinha

ou de açúcar, e, a pouca distancia, outro prato com agua. Os ratos, atraídos pela farinha ou açúcar, absorvem o gêsso, e, se beberem em seguida, o que é provável, morrem asfixiados pela dilatação do gêsso.

Pomada contra as fendas nos lábios

- Cêra virgem. 12 gr.
- Azeite puro 66 gr.

Deixa-se fundir a cêra a fôgo brando e acrescenta-se o azeite. Mistura-se bem e deixa-se arrefecer.

Esta pomada não só cura as fendas como as evita.

CALENDÁRIO DO AGRICULTOR

DEZEMBRO

Nos campos—Seguem os trabalhos de novembro. Sementeira de trigo do outôno. Preparam-se os estrumes.

Nas hortas—Chovendo, suspendem-se as cavas e a manteação da terra. Semeiam-se ervilhas da primavera, e começam as sementeiras de rabanêtes e cenouras, couve-flor e bróculos, morangueiros e espinafres. Planta-se o repolho, couve galega, alcachofras, espargos e morangueiros. Faz-se correr de noite a agua das agricriças para que não gele. Caça aos vermes e caracois.

Nos pomares—Continua-se a podar e a plantar emquanto não houver geadas. Limpam-se as fructeiras. Guardam-se as estacas de oliveira para a plantação.

Nas vinhas—Prosegue a plantação e a poda. Aprontam-se os materiais para a empa. Plantam-se cavalos americanos. Adubam-se as vinhas e tratam-se com sulfato de ferro as raizes das videiras fracas.

Nas adegas—Trasfegam-se os vinhos. Atestam-se as vasilhas. O vinho não deve estar sôbre as borras.

Nos armazens—Faz-se a debulha de grãos.

Nos estábulos—Guardam-se os gados do frio. Não devem sair a pastar emquanto o pasto estiver com geada ou muito húmido.



NOTICIOSA

Pela imprensa

Felicitemos os nossos colegas —*A Flor do Tâmega*—e—*O Defensor*—pelo seu aniversário, com os protestos da nossa estima e consideração.

O nosso querido colega *O Povo de Basto* transcreveu a nota da *Vária*—*O morto que vai a enterrar*—.

Da vizinha cidade de Braga, começou a publicar-se, em 3 de Dezembro, um novo jornal, órgão do Partido Republicano Português a—*Gazeta de Braga*—. Agradecendo a visita, felicitamos o novo colega desejando-lhe vida feliz.

Instrução primária

Por se ter verificado nas estâncias superiores que em alguns circulos escolares o serviço dos professores é qualificado com demasiada benevolência, foi pela 2.ª repartição de Instrução Primária e Normal enviada uma circular aos inspectores, recomendando-lhes o maior cuidado na qualificação dos serviços dos professores, que deve ser feito de modo a evitar sensiveis divergências na apreciação do serviço, de circulo para circulo.

Os professores das Escolas Centrais, srs. Henrique de Matos, Manuel José Pereira, Almeida Guimarães, D. Luísa Miranda e D. Aida de Sousa, constituídos em comissão, solicitaram pessoalmente do sr. Mariano da Rocha Felgueiras, presidente da Comissão Executiva da Câmara, a sua intervenção, no sentido de no novo orçamento municipal ser incluído o aumento de vencimentos aos professores, conforme o disposto no artigo 13.º da lei 424.

Falecimentos

Faleceu a sr.ª D. Umbelina Cândida da Cunha, esposa do sr. José Lopes da Cunha, proprietário, desta cidade.

Está de luto, por falecimento de seu pai, ocorrido no Pôrto, o sr. Major Alcino Machado.

A's familias anojadas as nossas sinceras condolências.

Hospital da Misericórdia de Guimarães

Nota do movimento de doentes no mês de Novembro de 1916:

Doentes existentes no dia 31 de Outubro: homens, 44; mulheres, 81; total, 125.

Entrados durante o mês: homens, 69; mulheres, 68; total, 137.

Saídos—curados: homens, 26; mulheres, 34; total, 60. Melhorados: homens, 22; mulheres, 22; total, 44. No mesmo estado: homens, 1; mulheres, 11; total, 12.

Falecidos: homens, 10; mulheres, 2; total, 12.

Existentes no fim do mês: homens, 54; mulheres, 80; total, 134.

Consultas no banco: homens, 65; mulheres, 111; total, 176.

Curativos no banco: homens, 545; mulheres, 475; total, 1020.

Medicamentos concedidos a doentes pobres externos, gratis, 218.

Assuntos militares

As praças do 3.º Grupo de Companhias de Administração Militar que foram dadas prontas da instrução nos anos de 1912, 1913, 1914 e 1915, devem entregar na secretaria da administração do concelho as suas cadernetas para serem retificadas as datas que indicam as classes a que as mesmas pertencem.

Morte à paulada

No lugar da Eira Velha, freguesia de Santa Eufémia de Prazins, houve no domingo à noite, uma grave desordem, de que resultou ficar morto, em consequência duma violenta paulada na cabeça, Manuel Ferreira Magalhães, da referida freguesia.

O assassino, que se chama Joaquim Rodrigues «O Palhas», já conhecido como desordeiro, foi preso no dia seguinte, processado e entregue ao poder judicial, dando entrada na cadeia com outros indivíduos também culpados.

Para os fumadores

A autoridade administrativa mandou afixar um edital tornando público que fica proibido fumar nas salas dos teatros, no decorrer de qualquer espectáculo, incluindo os espectáculos cinematográficos.

Esta determinação fica a vigorar da data da publicação do referido edital.

Comissão de recenseamento militar

Esta comissão torna público que na primeira quinta-feira do mês de Janeiro próximo, terá a sua primeira sessão, a fim de iniciar os trabalhos da inscrição no recenseamento militar de todos os mancebos que atingiram a idade legal.

Todos os mancebos que até 31 de Dezembro corrente completarem 16 e 19 anos de idade, são obrigados a participar, por todo o referido mês de Janeiro, àquela comissão que chegaram à idade de ser inscritos no respectivo recenseamento militar. Idêntica participação deve ser feita pelos pais, tutores ou pessoas de quem os mancebos dependam.

A falta de cumprimento desta obrigação corresponde a pena de 20 a 50 escudos de multa.

Os cães

Na freguesia de Serzedelo, um cão hidrófobo mordeu várias pessoas que seguiram para o Pôrto, afim de receber tratamento no Instituto Pasteur.

Agentes da autoridade foram àquela freguesia e mandaram abater todos os cães que foram mordidos por o cão raivoso.

Estas medidas impõe-se porque vão sendo frequentes os casos.

Orfeon Famalicense

A visita dèste distinto orfeon a Guimarães, pôs a nossa terra em festa.

Teve, na verdade, alguma coisa de grande, foi carinhosa e entusiasta a recepção feita aos nos-

sos visitantes. Recebidos com liéis abraços, provas de simpatia, flores caídas de mãos delicadas, em suma, com as mais carinhosas demonstrações festivas, os famalicenses tiveram ocasião de observar quanto é simpática para nós a sua obra, o seu empreendimento artístico, e quanto nos distinguia a gentileza da sua visita.

O espectáculo foi mais uma noite de glória para o sr. Adolfo Lima e para o orfeon que tam habitualmente dirige, pois assim lhe devem ter feito sentir os aplausos que a numerosíssima assistência tam justamente lhe dispensou.

Ao Orfeon Famalicense, as nossas felicitações, agradecendo a gentileza do convite para assistir ao interessante espectáculo.

Carteira

Continua melhorando da grave doença que o acometeu, o ilustre vimaranense, sr. Conde de Margaride.

Realiza-se brevemente o casamento do sr. Abel da Costa Oliveira Bastos, com a sr.ª D. Elvira Freitas, gentil filha do sr. José de Freitas, sócio da fábrica do Minhoto.

Na Universidade de Coimbra, fez o 2.º exame de Estado (sciências económicas e politicas, parte complementar), ficando aprovado, o quintanista de direito, nosso amigo, sr. Jerónimo Martins da Rocha, filho do sr. Alvaro da Costa Rocha.

TEATROS

Gil Vicente e Afonso Henriques

Domingo, 10, a continuação da assombrosa pelicula

MISTERIOS DE NEW-YORK
(Drama Policial)

COM
O tumulto de ferro

O retrato que mata
uma das mais reputadas fitas que se tem exibido em todos os teatros do paiz, e que em Guimarães está sendo alvo das melhores atenções.

Domingo, 17, a continuação dos Misterios de New-York

COM
A atmosfera venenosa

COM
O VAMPIRO
Sucesso!

Estância Termal das Taipas

(Situada a 14 quilómetros de Braga e 8 de Guimarães)

Aguas meso-termas, hipo-salinas, sulfúrias, carbonatadas (sódicas e cálcicas), cleretadas, litinadas, silicatadas, fluoretadas, arsenicais, radioativas.

AS UNICAS ÁGUAS DO PAÍS PARA A CURA DAS DOENÇAS DE PELE

Tratamento das afecções dos aparelhos respiratórios, digestivos e génito-urinário; reumatismo; manifestações artríticas e sifíticas

Tratamento das doenças das Senhoras sob a direcção duma Médica

Instalações completas para electroterapia

CLÍNICOS DA EMPREZA:

Drs. Alfredo Fernandes e Celeste Azevedo Fernandes

ÉPOCA TERMAL—1 de Maio a 30 de Outubro

INTERNATO MUNICIPAL

ANEXO AO LICEU NACIONAL DE GUIMARÃES

COM DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO AUTÓNOMAS

Director pedagógico—Dr. Eduardo d'Almeida.
» disciplinar—Cónego António da Silva Ribeiro—Secretario e professor do Liceu.
» administrativo—José Caetano Pereira.

Instrução primária. Montou se uma aula modelo com professor habilitadissimo. Alunos internos e externos.

Instrução secundária. Cursos do liceu—no Liceu de Guimarães, no mesmo edificio. Curso de 6.^a 7.^a classes—habilitação por distintos professores. Para este curso admitem-se externos.

Instrução profissional. Curso de comércio—indispensável a todos os que se destinam à vida comercial ou desejam sair do país. Scientificamente organizado, competetemente dirigido, técnico, práctico. Internos e externos. Admite-se a matricula avulsa em qualquer cadeira. Preços convencionais para empregados de comércio.

Instrução artistica. Atelier escola—Expressamente construido. Cursos de desenho e pintura—professor o distinto Artista Abel Cardozo, pintor, director e professor da Escola Industrial. Aula de música-canto-dança—por um competente professor.

Educação física e moral. Inspeção médica permanente—Médico: Dr. João de Almeida, professor do Liceu. Quartos especiais para doentes. Aula de higiene—gratuita e obrigatória para todos os internos. Balneario—duches, banhos em tinas de marmore. Educação moral e civil—palestras e conferências pelo director pedagógico. Ginnásio académico—exercícios físicos. Sessões literárias e musicais. Grupo de esportes—Sala de armas.

A melhor casa da provincia pelas suas condições higiênicas que desafiam qualquer confronto. Tratamento abundante géneros de 1.^a ordem, e escrupulosamente limpo. Direcção pedagógica moderna. Completa liberdade religiosa, atendendo-se e respeitando-se escrupulosamente as indicações das familias.

Pedir informações à SECRETARIA DO INTERNATO MUNICIPAL—Guimarães

FARMACIA NORMAL

Praça de D. Afonso Henriques, 17 a 20

Abriu no dia 31 de Janeiro este importante estabelecimento com um sortido enorme de todos os artigos farmacêuticos de maior consumo e de absoluta confiança exigidos pela moderna terapêutica.

— Ao Ex.^{mo} corpo clínico

— Aos seus amigos

— Ao público em geral

participam-no

Manoel Jesus de Sousa & C.^a

DEPÓSITO DE POLVORA DO ESTADO

Agencia da Companhia de Seguros

Portugal Previdente

Tintas, vidros, oleos, cimentos e vernizes
Completo sortido em molduras para quadros
Papel para forrar casas
Azulejos e mosaicos
Artigos para caçadores, e muitos outros artigos pertencentes a este ramo de negocio.

DROGARIA: FERNANDES GUIMARÃES & IRMÃO SUC.^{or}

78, Rua da República—GUIMARÃES

"PROSPERIDADE"

Companhia de Seguros e Reseguros Terrestres e Marítimos

SEDE NO PORTO: RUA DE TRAZ, N.º 7-2.º

Agente em GUIMARÃES

António José Peixoto da Costa

Rua da República n.º 144

DOMINGOS VINHAGREIRO & F.^{os}

GÊNEROS DE MERCEARIA
—E—
CONFEITARIA
SERVIÇO DE PASTELARIA

Executam-se encomendas para casamentos, batizados e soirés.

ESPECIAL CAFÉ Á CHÁVENA
—DA—
BRAZILEIRA




CONFEITARIA **PARISIENSE**

AOS FUMADORES CIGARROS DO PARÁ

Finissimos, de aroma especial, fabricados do melhor tabaco do Estado do Pará, como seja Bragança, Akará, e outros pontos próprios desta cultura.

A' venda nas principais casas e na sede da agência

MERCEARIA TRAZ DE S. PAIO

Rua Dr. Avelino Germano, 45—GUIMARÃES

DESCONTO AOS REVENDADORES

O REPUBLICANO

Propried. do Centro Democrático Vimaransense

(Publica-se aos sábados)

PREÇO DA ASSINATURA

Ano	1\$30 cent.
Semestre	\$65 "
Brazil, ano (moeda forte)	2\$50 "
Número avulso	\$03 "

PREÇOS DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	4 cent.
Repetição, por linha	2 cent.
Permanentes, contrato convencional.	
Anúncios, não judiciais, para os srs. assinantes 25 % de abatimento.	

O Republicano

PROPRIEDADE DO CENTRO DEMOCRÁTICO VIMARANENSE

1.º Ano

PUBLICA-SE AOS SÁBADOS

Num. 35

Ao Cidadão